

DO FOLHETO DE CORDEL PARA O CORDEL VIRTUAL: INTERFACES HIPERTEXTUAIS DA CULTURA POPULAR

Madson Góis Diniz

(PROLING/UFPB)

RESUMO:

O famoso folheto de cordel tão comum nas feiras do nordeste brasileiro parece ter alcançado o terreno do cyberspaço. O fenômeno da globalização e a instauração dos paradigmas tecnocráticos e mediáticos acabam por imprimir uma nova dinâmica na cultura popular, fazendo re-leituras dessa em vários âmbitos das tradições, re-interpretando e às vezes modificando o fenômeno cultural em si. No caso do cordel, alguns poetas populares partiram em busca do hipertexto como forma de divulgar seus trabalhos, fazendo com que essa transição de espaços provoque intervenções complexas no gênero em questão. A hibridização da cultura popular acionada pelas novas práticas mediatizadas e hipertextuais estaria pondo em risco uma tradição ou simplesmente ampliando e agregando um novo conceito à poesia popular? - Refletir a esse respeito será portanto o objetivo desse artigo, que terá por base traçar a transição do folheto de cordel, da matriz impressa para o virtual, e como o elemento tecnológico tem influenciado o respectivo gênero literário.

PALAVRAS-CHAVE: cordel, internet, gêneros híbridos

ABSTRACT

The so-called 'folheto de cordel,' commonplace in Brazilian northeast fairs and markets, seems to have achieved the cyberspace barrier. The globalization phenomena and technocratic-mediatic paradigms installed have imparted a new dynamics into popular culture, thus establishing new readings in various scopes of tradition, re-interpreting and sometimes modifying the cultural genre itself. In the case of 'cordel', some popular poets have looked forward to using the hypertext so as to divulge their poetry, causing a hybridization process of their writing practice. Would that novelty be a threat to popular poetry concept? – Our aim is therefore to reflect about the paper-virtual transition of 'cordel' and how the technological element has been influencing such a genre.

KEY-WORDS: cordel, internet, hybrid genres

Sendo uma herança da Península Ibérica, o folheto de cordel sempre desempenhou a função de difusor de informações nas feiras livres do nordeste brasileiro. Em cidades onde o rádio ou a TV eram escassos, senão raros, o cordel passou a ser o jornal diário, informando, divertindo e revitalizando a tradição da escritura de autoria popular.

Tendo sido encontrado e datado por Orígenes Lessa em 1865, o estado da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, demonstram ser o nascedouro desse tipo de literatura. De designação incerta, o termo ‘cordel’ remonta os *pliegos soltos* espanhóis ou outras tantas peças de teatro, farsas, livretos ou comércio de cordel, referindo-se ora ao cordão que prendia determinados objetos ora às produções de rua. (Casudo, 1974)

A poesia oral do cordel ganha cores e forma no uso predominante das sextilhas e do seu forte apelo aos temas sociais e da atualidade. Assemelhando-se em seus primórdios com o Romanceiro Espanhol, o cordel ganha uma identidade própria na medida em que acontece sua difusão nas feiras e o processo de transmissão entre gerações são mantidos. Essa identidade é ainda mais reforçada quando nas últimas décadas as primeiras mulheres se debruçam sob a arte do folheto. (Santos, 2006)

Se por um lado, o texto popular vem sendo analisado nas universidades a despeito de todo preconceito acadêmico e até mesmo do certo exotismo atribuído à cultura popular através dos estudos folcloristas, a amplitude do cordel não tem alcançado as salas de aula do ensino fundamental e médio, às vezes sob a alegação de ser uma literatura repleta de erros. Aliados a isso, somem-se os fenômenos da mediatização, globalização e glocalização que acabam afetando a leitura e o gosto pelo cordel. Segundo o cordelista Costa Leite em documentário, as novelas chamam mais atenção hoje em dia do que o cordel. Se antes as pessoas paravam para ouvir o poeta recitar/cantar nas feiras, hoje se faz necessário o uso de som, do microfone e da TV¹. Para a nova ordem, os emblemas da mídia são elementos imperativos para a legitimar a prática artística.

A tecnologização da sociedade contemporânea com o advento do computador e da internet, e partir disso, das suas mídias e da interatividade passarão a escrever uma nova

¹ Documentário “Costa Leite Poeta” dirigido pela Prof. Dra. Beliza Áurea de Arruda Mello

página na história do folheto. Entender portanto essa nova ótica da produção textual cordelista sob o prisma do universo virtual torna-se imprescindível na medida em que o Google cita aproximadamente 1.690.000 resultados para a pesquisa sobre o respectivo assunto.

O desencadeamento da cultura digital exige o pragmatismo do conhecimento rápido e preciso. O saber fazer em pouco tempo e a massificação das informações ditam os ventos da pós-modernidade. A reprodutibilidade e a extensibilidade das obras de arte e das manifestações culturais expostas e difundidas através dos hipertextos e dos hiperlinks operam uma lógica de hibridização dos gêneros artísticos e literários, transpondo e re-interpretando formas e conteúdos.

No caso específico do folheto virtual, a operacionalização de *sites* pessoais de cordelistas, como no caso de Walter Medeiros, faz do espaço virtual a banca de cordel. É do mesmo autor o texto que registra a necessidade/impasse dessa transição do folheto para a internet, conforme observamos a seguir:

A peleja do Cordel de Feira com a Internet

Vou lhe contar, cidadão,

Uma história bem brejeira

Que começou numa feira

Pelas bandas do sertão

E de forma bem ligeira

Chegou à terra inteira

Causando admiração.

Severino Rio Grande

Fazia muito cordel

Falava até de bordel

Assim a arte se expande

(...)

Seus cordéis ele vendia

Numa feira bem pequena

Era sempre a mesma cena

Com risada e cantoria

Desde o tempo da galena

Era uma mensagem plena

De amor e alegria

Com uns tipos manuais

Muitos impressos fazia

E assim ele vivia

Querendo um mundo de paz

(...)

e aquele nosso rapaz

ia se adaptando

a tudo que a vida traz

nada nunca é demais

e foi se modernizando.

A maquininha Olivetti

Que usou anos seguidos

Inda tinha nos ouvidos

Qual serpentina e confetti

Mas a marca dos sabidos

Que ganhou novos sentidos

Agora era a internet.

Nem mesmo questionou

A nova moda lançada

E de forma enviesada

Seus cordéis lá colocou

Foi uma festa danada

A homepage lançada

Que ao mundo lhe levou

Pois agora na internet

O cordel vai mais distante

Basta somente um instante

E a história se repete

São Gonçalo do Amarante

Paris, Itu, num berrante

Todo mundo se derrete

Sempre aparece questão

Sobre esse novo meio

Mas é somente esperneio

De gente falando em vão

Basta fazer um passeio

Sem cavalo e sem reio

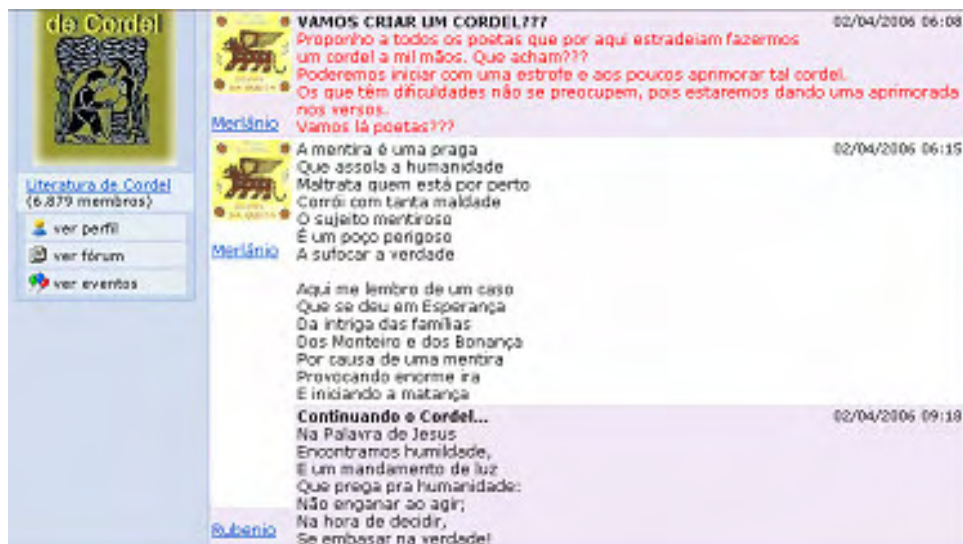
Para entender o bordão.

(...)

(Walter Medeiros in <http://paginas.terra.com.br/arte/cordel/>)

Como podemos observar, o uso da internet pelo cordelista é vista como novidade e forma de sobrevivência de sua arte e da tradição. O jeito enviesado de fazer o cordel refere-se diretamente aos novos mecanismos de interação e as modalidades de escrita e transposição que o hipertexto gera na escritura tradicional. As várias discussões sobre a transição do folheto para a internet são também mencionadas pelo poeta, sendo até hoje item de discussão entre vários cordelistas, que observam no virtual uma ameaça às práticas tradicionais das feiras livres. Em termos de métrica e rima, o cordel virtual parece fixar os modelos tradicionais, na medida em que outros elementos como a xilogravura (imagem gravada nos folhetos de cordéis geralmente abordando o assunto dos versos) perde um pouco de espaço.

Ainda, o hipertexto de cordel ocasiona as múltiplas entradas e saídas, linearidade e rupturas, a partir das quais o leitor pode também funcionar como autor, na medida em que os mecanismos de interatividade possibilitam o diálogo de co-escritura como os blogs, fóruns e orkut. A figura a seguir mostra o funcionamento dessa escritura virtual múltipla no site de relacionamentos orkut:



(www.orkut.com)

Há uma série de blogs e fóruns de internet exclusivamente dedicados ao tema. Em muitos dos casos, um internauta deixa um ‘mote’, ou um pedido de cordel ou simplesmente começa seu texto para ser continuado por outrem. Em outras situações, o internauta adapta/faz uma re-leitura de um cordel tradicional e pede comentários. Os temas da política nacional, violência e sexualidade parecem ser o carro-chefe no universo hipertextual cordelista.



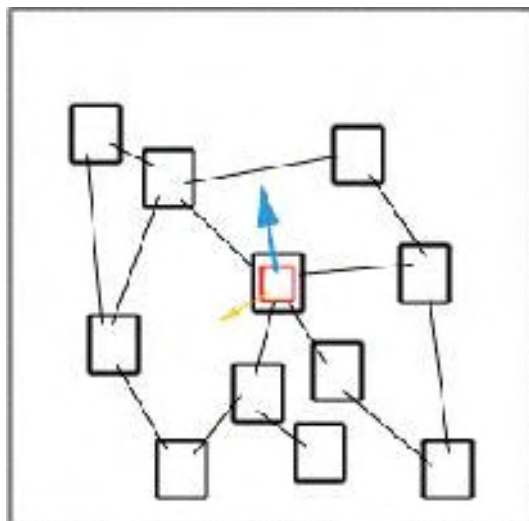
(www.cordelonline.com.br)

Essas múltiplas vozes interativas deságuam no conceito de bakhtiniano de polifonia. O autor e leitor se fundem harmoniosamente numa entidade hipertextual, mostrando as múltiplas vozes sociais que se entrecrocaram. (Bakhtin, 1997)

Os hiperlinks, por sua vez, causam uma ruptura fascinante, haja vista serem textos dentro dos próprios textos. É comum, conforme nos mostra a Wikipedia, encontrar poesias

com itens em sublinho que levam a outros textos poéticos ou simplesmente outras homepages de referência sobre o assunto em pauta.

A experiência literária hipertextual pode ser mais bem compreendida através da figura abaixo:



O retângulo vermelho diz respeito ao site principal onde o leitor encontrará o folheto virtual inicialmente. A seta azul refere-se à experiência de leitura, ou o gradiente de experiência. São os mecanismos cognitivos de leitura que somos capazes de efetuar numa situação tradicional. Todavia, observamos que do retângulo vermelho, o texto pode ser transposto para outros retângulos (hiperlinks, fóruns, comentários) e o vetor em laranja indica o labirinto de leituras não-lineares e caóticas que podem ser redirecionadas pelo texto. Assim, os vetores do hipertexto têm a capacidade de mudar o gradiente de experiência, descentralizando o processo de leitura. Em outras palavras, segundo Hoofd (2000), a experiência de leitor é desconstruída no processo hipertextual.

A necessidade da implantação de novas mídias ou de acompanhar novas tecnologias recria os gêneros artísticos e transmuta sua natureza em novas categorias complexas de serem analisadas. Recentemente, o cordel observou a criação on-line do Vídeo-Cordel, uma narração de texto alternado por imagens, relacionadas ao tema. Desenvolvido pelo Centro de Mídia Independente, retratando a polêmica sobre a TV digital, o novo gênero encontrado no site do grupo implica numa nova possibilidade de escrever o cordel com imagens, cabendo inclusive uma exaustiva análise semiótica. De igual modo, no departamento de

jornalismo da UFPB, um projeto sobre animação computadorizada e cordel está em fase de desenvolvimento. Certamente, o folheto está migrando para um modelo tecnologizado e híbrido, distanciando-se em forma do modelo original, mas nem tanto em conteúdo.

A cultura popular como forma de sobrevivência na América Latina conforme atesta Canclini (1998) sempre buscou meios de legitimidade, por ser vista como uma cultura da margem. Esse processo de legitimidade, que se confunde com o conceito de popularização, tem usado ao longo dos anos os mecanismos de mídia para manutenção e sobrevivência. Encontrar o cordel na internet, antes de qualquer coisa, é permitir o acesso irrestrito e vivo desse gênero literário. Não é possível prever se o folheto de papel chegará a um fim como não podemos ainda antecipar a morte ou não dos livros no formato tradicional. Outrossim, o cordel virtual não põe em jogo a natureza e tradição da prática do folhetim. Muito pelo contrário, o hipertexto revitaliza e confere uma importância ainda maior, criando um conceito mais complexo e ambíguo que é da cultura popular virtualizada.

Referências Bibliográficas:

BAKHTIN, M. (1992). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec.
_____. (1997). Os gêneros do discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. cap. p. 279-326.

_____. (2002). *Problemas da Poética de Dostoiévski*. 3. ed. Traduzido por Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

CANCLINI, Néstor García. (1998). *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CASCUDO, Luís da Câmara. (1974). *Vaqueiros e cantadores*. São Paulo: Ediouro.

Hoofd, Ingrid. Towards a vector model of hypertext narrative. In: <http://www.cyberartsworld.org/cpace/ht/hoofd3/vectors.html> em 01.10.2006 às 19:00h.

MEDEIROS, Walter. A peleja do Cordel de Feira com a Internet. In: <http://paginas.terra.com.br/arte/cordel/> em 01.10.2006 às 19:00h.

MELLO, Beliza Áurea de Arruda. (2000). Costa Lima Poeta. Documentário. UFPB.

SANTOS, Idelette Muzart-Fonseca dos (2006). **Memória das vozes:** cantoria, romanceiro & cordel. Tradução Márcia Pinheiro; prefácio Armindo Bião. Salvador, Ba: Secretaria da Cultura e Turismo; Fundação Cultural do Estado da Bahia. 292 p.1

Sites mencionados:

www.google.com

www.orkut.com

www.wikipedia.com

www.cordelonline.com.br

Vídeo-Cordel – Centro de Mídia Independente -

<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2006/03/348365.shtml>